



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**AÇÕES DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

VIRGÍNIA MONTEIRO DE ARAÚJO

FLORIANÓPOLIS, 2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**AÇÕES DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

VIRGÍNIA MONTEIRO DE ARAÚJO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal de Santa Catarina do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências da Educação, do Departamento de Metodologias de Ensino- MEN.

Orientadora: Maria Isabel Batista Serrão.
Colaboradora: Juliana da Silva Euzébio.

FLORIANÓPOLIS, 2013

VIRGÍNIA MONTEIRO DE ARAÚJO

**AÇÕES DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina.
Florianópolis, 01 de dezembro de 2013.

Prof.^a Dr. Maria Sylvia Cardoso Carneiro
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Isabel Batista Serrão
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Patrícia Laura Torriglia
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Lilane Maria de Moura Chagas
Universidade Federal de Santa Catarina

*Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada
do que
Vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser: colo que acolhe braço que envolve
palavra que
Conforta silêncio que respeita alegria que contagia lágrima que
corre,
Olhar que acaricia desejo que sacia amor que promove.
E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida.
É o que faz
Com que ela não seja nem curta, nem longa demais, mas que
seja intensa,
Verdadeira, pura enquanto durar. Feliz aquele que transfere o
que sabe e
Aprende o que ensina.*

CORA CORALINA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer às crianças e professores que me acolheram nos momentos e experiência da docência.

Aos meus familiares em especial minha mãe, que mesmo nas dificuldades sempre acompanharam e incentivaram-me a estudar e participar das propostas educacionais.

Aos meus irmãos Damião e Tatiane, que sempre me apoiaram nas minhas decisões.

À todos os meus amigos, que compreenderam minhas ausências e falta de companheirismo, a Rafaela Azevedo de Souza meu agradecimento especial pela amizade, pelos ensinamentos de carisma, humildade e paciência nas horas difíceis.

Ao meu esposo Maurício e minha filha Maria Estela, pelo companheirismo, amor, amizade, alegria. Que possamos sempre apoiar uns aos outros nas conquistas e realizações de nossos sonhos.

À minha orientadora Maria Isabel Serrão, por mediar à constituição desse trabalho e por sempre me fazer refletir sobre a importância de oferecer condições pedagógicas adequadas à educação e ao direito das crianças, através de exemplos teóricos e práticos de intensa dedicação a sua profissão.

À minha colaboradora Juliana da Silva Euzébio, pelo apoio, confiança e disponibilidade em fazer parte desse momento tão importante da minha formação.

A todos os professores do curso de Pedagogia, por oferecerem propostas teóricas e metodológicas fundamentada para pensarmos a Educação e a formação das crianças, garantindo o atendimento de suas necessidades formativas.

Ao PET/ Pedagogia da UFSC, juntamente com a tutora Maria Hermínia Lajes Laffin e colaboradoras: Vânia Beatriz Monteiro e Eliane Dias Debus, as petianas atuantes e egressas que contribuíram com a minha formação ao longo do curso de Pedagogia.

*A todos meu carinho,
Obrigada!*

RESUMO

Este texto tem por objetivo apresentar as reflexões sobre a organização das ações de ensino, realizadas durante a disciplina de Educação e Infância VIII: Exercício da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma turma de segundo ano, durante o primeiro semestre de 2013, em uma escola pública estadual de Florianópolis no estado de Santa Catarina. Analisamos o jogo de boliche e a narração de histórias, como particulares momentos do referido exercício docente, e afirmamos sua importância no desenvolvimento humano da criança. A apropriação da cultura acontece por meio de atividades de ensino e de aprendizagem. Na escola o professor é o profissional fundamental para a efetiva realização desse processo. Nessa perspectiva, o jogo e a narração de histórias são entendidos como possibilidades pedagógicas nas quais as crianças criam, recriam e aprendem. O jogo de boliche, como um instrumento de ensino, possibilita à criança a apropriação das formas geométricas, da álgebra e da aritmética. Constatamos que no jogo de boliche as crianças foram capazes de: criar de uma situação imaginária relacionada ao resultado de sua jogada; concentrar-se para que a bola atingisse os pinos; jogar a bola; contar os pontos obtidos quando derrubavam um ou mais pinos do boliche; memorizar o total de pontos e registro, por meio da escrita, da quantidade de pontos grafados no seu cartão, equiparar grandezas. A inclusão de jogos no ensino e na aprendizagem mobiliza a criança a perceber-se como sujeito ativo na apropriação do conhecimento, e ainda reconhecer que suas capacidades podem ser compartilhadas com seus pares. Ao oferecermos elementos pedagógicos intencionalmente organizados, as crianças puderam perceber a existência da estrutura e o conteúdo da narração de histórias, além de aprender com sentido, pois relacionaram suas necessidades com os seus respectivos objetos, aprender a ler e escrever. As ações de ensino, aqui refletidas, proporcionaram a aprendizagem e o desenvolvimento humano das crianças.

Palavras-chave:

Brincadeira; Aprendizagem; Desenvolvimento Humano; Ensino, Criança.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS DE CRIANÇA, INFÂNCIA, BRINCADEIRA, ENSINO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	11
3	CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO PARA A APRENDIZAGEM: EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	16
3.1	BOLICHE: UMA FORMA DE ENSINAR E APRENDER.....	19
3.2	A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM MOMENTO DE APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA	25
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
5	REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo apresentar as reflexões sobre a organização das ações de ensino, realizadas durante a disciplina de Educação e Infância VIII: Exercício da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma turma de segundo ano, durante o primeiro semestre de 2013, em uma escola pública estadual de Florianópolis no estado de Santa Catarina.

A motivação para a realização deste estudo surgiu desde o ingresso no curso de Pedagogia da UFSC, quando vimos discutindo conceitos sobre criança, infância e suas concepções constituídas ao longo da história. Discutimos também a importância da brincadeira no desenvolvimento psicológico da criança. Na brincadeira a criança interpreta, imagina, cria, desenvolvem papéis e representa uma forma especificamente humana da consciência, por isso a brincadeira torna-se predominante para a criança.

Segundo estudos de Vigotski (2008) na brincadeira a criança busca realizar seus desejos, seus afetos, organiza suas ações, cria situações imaginárias e aprende. A partir dessas ideias intensificamos no exercício da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ações de ensino para as crianças envolvendo as brincadeiras a fim de mobilizá-las à apropriação da linguagem escrita.

Desse modo, consideramos que a criança necessita se apropriar da cultura produzida historicamente, para desenvolver suas potencialidades humanas. E para apropriar-se da cultura a criança necessita estar em atividade, e nesse período a atividade que mais a desenvolve é a brincadeira.

Ao considerar que o brincar é a atividade fundamental da criança e destacarmos a importância da brincadeira na constituição dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, acreditamos ser necessário que se organizem nas atividades escolares tempos e espaços que favoreçam o lúdico. Não só reservados à hora do recreio, mas considerando todo o tempo passado pela criança na escola. (QUINTEIRO e CARVALHO, 2010, p. 13).

Constatamos que as crianças do segundo ano, não realizavam tarefas em que o brincar estivesse presente, a partir dessa constatação elaboramos o projeto de ensino intitulado: *É possível ler e escrever brincando?* Nesse projeto organizamos o ensino com o objetivo de atender as necessidades formativas das

crianças, em particular de leitura e de escrita, tendo como eixo norteador do ensino a brincadeira, possibilitando que elas pudessem se expressar de diversas formas, explorar os diversos espaços da sala de aula e de outros ambientes da escola, compreender e se apropriar da escrita em diferentes situações como os jogos, os desenhos, as dobraduras, a narração de histórias, as parlendas, as pinturas e as músicas.

Para atingir o objetivo proposto, analisamos as ações do jogo de boliche e a narração de histórias, pois foram as tarefas que contribuíram para a apropriação da linguagem escrita pelas crianças.

1.1 PROBLEMA

Ao se considerar a infância como a condição social de ser criança (Miranda, 1985) defendemos que a realização do ensino requer conceber que todo sujeito tem necessidade da educação para desenvolver suas capacidades de maneira plena, relacionada à possibilidade ativa de apropriação do conhecimento científico. Desse modo, como possibilitar à criança um ensino que, a partir dessas concepções garanta a aprendizagem e o desenvolvimento humano pleno? E também como compreender a organização das ações de ensino e de aprendizagem para as crianças após realizarmos a experiência de sistematização das atividades de boliche e as narrações de histórias?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar as reflexões sobre a organização das ações de ensino que abrangeram o jogo de boliche e as narrações de histórias, a partir do exercício da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma turma de segundo ano, em uma instituição pública estadual de Florianópolis, Santa Catarina.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar os conceitos de infância, criança, brincadeira, ensino, aprendizagem e desenvolvimento;
- Refletir sobre as ações de ensino e aprendizagem relacionadas ao do jogo de boliche e das narrações de histórias, considerando a brincadeira como atividade principal da criança;
- Identificar as contribuições do jogo de boliche e das narrações de histórias para o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento humano das crianças.

1.3 METODOLOGIA

Esse estudo partiu da análise do relatório do exercício docente, com ênfase na reflexão sobre a organização das ações do ensino, a partir da brincadeira com a turma do 2º ano de uma escola pública estadual de Florianópolis.

1.4 ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Este trabalho será apresentado em três capítulos. No capítulo 1, temos como finalidade apresentar as reflexões sobre a organização das ações de ensino, realizadas no Exercício da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em uma turma de segundo ano, durante o primeiro semestre de 2013, em uma escola pública estadual de Florianópolis no estado de Santa Catarina.

No capítulo 2, procuramos fazer uma breve reflexão dos conceitos de Criança, Infância, Brincadeira, ensino, aprendizagem e desenvolvimento humano. No capítulo 3, procuramos apresentar as contribuições do ensino para a aprendizagem realizado no exercício da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nas Considerações Finais, a intenção não foi de concluir, mas sim apresentar algumas propostas pedagógicas a partir dos eixos: brincadeiras e linguagens e deixar outras indagações para novos estudos.

2 UMA BREVE REFLEXÃO DOS CONCEITOS DE CRIANÇA, INFÂNCIA, BRINCADEIRA, ENSINO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ao se considerar a infância como a condição social de ser criança (MIRANDA, 1985) defendemos que a realização do ensino, compreende que todo sujeito tem necessidade de aprender para desenvolver suas capacidades de maneira plena, relacionada a apropriação da cultura.

Dado que a criança nasce inacabada, deve construir-se e só pode fazê-lo de “dentro”, a educação é produção de si próprio. Dado que a criança só pode construir-se apropriando-se de uma humanidade que lhe é “exterior”, essa produção exige a mediação do outro. A educação não é subjetivação de um ser que não seria sujeito; o sujeito está sempre aí. A educação não é socialização de um ser que não fosse já social: o mundo, e com ele a sociedade, já está sempre presente. (CHARLOT, 2000, p. 54)

A criança é “um ser humano de pouca idade”, capaz de “participar” da cultura em interação com outras crianças, adultos e com artefatos humanos, materiais e simbólicos (GEPIEE, 2013). A criança, também é vista como um ser humano em desenvolvimento biológico. Porém, o aspecto biológico não define todo o desenvolvimento da criança. “Na verdade o que caracteriza o homem é sua condição de ser social, o que é em parte determinado pela sua condição biológica, mas não inteiramente” (MIRANDA, 1985, p.128).

O desenvolvimento da criança depende da mediação do adulto, essa mediação pode acontecer de diversas maneiras, dependendo da condição social da criança. Assim, existe “uma condição social de ser criança, socialmente determinada por fatores que vão do biológico ao social, produzindo uma realidade concreta que podemos denominar de infância” (MIRANDA, 1985, p. 128).

A compreensão de que na infância, a criança está em processo de formação, do desenvolvimento da inteligência e da personalidade envolve uma

mudança nas organizações das práticas educativas da escola, nesse processo estão a formação e o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da memória e da imaginação. (MELLO, 2007).

A qualidade desse processo possibilita o desenvolvimento da criança. Na medida em que são organizadas tarefas de ensino e de aprendizagem em que sejam garantidas as crianças a brincadeira, a participação, as possibilidades de se apropriar de diferentes formas de expressão qualificarão a forma como a criança se apropria da cultura.

Ao considerar as necessidades formativas das crianças no processo de ensino e de aprendizagem, o professor passa a ter uma postura que, possibilita a criança o seu desenvolvimento enquanto ser humano, que necessita apropriar-se da cultura.

No processo de criar e desenvolver a cultura, o ser humano formou sua esfera motriz – o conjunto de gestos adequados ao uso dos objetos e dos instrumentos – e, com a esfera motriz, criou também as funções intelectuais envolvidas nesse processo. Ao criar a cultura humana – os objetos, os instrumentos, a ciência, os valores, os hábitos e costumes, a lógica, as linguagens -, criamos nossa humanidade, ou seja, o conjunto das características e das qualidades humanas expressas pelas habilidades, capacidades e aptidões que foram se formando ao longo da história por meio da própria atividade humana. (MELLO, 2007, p. 86)

Desse modo, a educação é esse processo de apropriação da cultura produzida pela humanidade. E esse processo envolve o ensino e a aprendizagem, pois, com a aprendizagem a criança vai se desenvolver e tornar-se ser humano.

O processo de apropriação efetua-se no decurso do desenvolvimento das relações reais dos sujeitos com o mundo. Relações que não dependem nem do sujeito nem de sua consciência, mas são determinadas pelas condições históricas concretas, sociais, nas quais ele vive, e pela maneira como sua vida se forma nessas condições. É por isso que a questão das perspectivas de desenvolvimento psíquico do homem e da humanidade põe antes de mais o problema de uma organização equitativa e sensata da vida na sociedade humana – de uma organização que dê a cada um a possibilidade prática de se apropriar das realizações do progresso histórico e de participar enquanto criador no crescimento dessas realizações. (LEONTIEV, 1978, p. 257-258)

O papel da brincadeira e sua importância no desenvolvimento da criança segundo Vigotski é enorme. Na brincadeira, a criança começa a agir em função do que tem em mente e não propriamente do que ela vê, apoiando-se em motivos internos.

A ação na situação não é vista, mas somente pensada, a ação num campo imaginário, numa situação imaginária, leva a criança a aprender a agir não apenas com base na sua percepção direta do objeto ou na situação que atua diretamente sobre ela, mas com base no significado dessa situação. (VIGOTSKI, 2008, p. 30)

A importância dos jogos e das brincadeiras para o desenvolvimento das crianças no processo de escolarização, se encontra na formação das capacidades mentais apreendidas pelas crianças, pois é por meio da brincadeira que a criança representa papéis, faz-de-conta, cria, recria, imita, aprende, atribui sentido e desenvolve habilidades.

Os espaços das instituições educativas podem ser o melhor lugar para a educação das crianças pequenas, mas para que isso aconteça, as crianças devem interagir como meio de apropriação e interação, com tudo que o compõe e ainda atribuindo a ele condições essenciais para uma máxima apropriação das qualidades humanas pelas crianças pequenas na distribuição e elaboração típicas de atividades que explorem: o tato, a atividade com o uso de objetos, a comunicação entre as crianças, entre elas, os adultos e o brincar, como algo fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. (MELLO, 2006, p. 191)

A brincadeira no processo de ensino e aprendizagem das crianças é um meio de desenvolvimento, pois além do brincar ser um modo pelo qual as crianças manifestam suas linguagens é uma forma de se apropriarem da cultura, desenvolver a criatividade, a imaginação e a criação.

A brincadeira constitui uma atividade, por meio da qual a criança forma sua personalidade e inteligência, interpreta o mundo, incorpora papéis sociais e apropria-se do uso de objetos humano. A criança usa um objeto em substituição ao objeto real que ela não possui e seus gestos são realizados de maneira a compreender a função social desse instrumento. (COUTO, 2007, p. 14)

Conforme estudos de Vigotski (1988, 1995) a atividade principal da criança é aquela essencial para o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, caracterizado abstratamente por uma estrutura psicológica, um conjunto de relações integrais entre funções psicológicas, por exemplo, percepção, memória voluntária, fala e pensamento, fundamentais para as mudanças qualitativas na formação da personalidade infantil. Portanto, tratamos, aqui, do brincar como atividade principal, que pode possibilitar a formação das bases primordiais para as atividades de estudo.

Na idade escolar, a brincadeira desloca-se para os processos internos, para a fala interna, a memória lógica e o pensamento abstrato. Na brincadeira, a criança opera com significados separados dos objetos, mas sem interromper a ação real com os objetos reais. Porém, a separação do significado do 'cavalo' do cavalo real, a sua transferência para o cabo de vassoura (um ponto de apoio palpável, pois de outra forma o significado sumiria, evaporar-se-ia) e o manejo real deste como se fosse um cavalo constituem uma etapa transitória necessária para operar com os significados. Ou seja, a criança opera antes com os significados da mesma forma que com os objetos; depois, toma consciência deles e começa a pensar. Isto é, assim como antes da fala gramatical e da escrita, a criança possui saberes, mas ela não sabe, não tem consciência de que os possui e não os domina voluntariamente, na brincadeira, ela usa inconscientemente e involuntariamente o significado que pode ser separado do objeto, ou seja, ela não sabe o que o objeto faz, não sabe que fala em prosa, fala sem perceber a palavra. (VIGOTSKI, 2008, p. 32)

A criança, em cada estágio do desenvolvimento psíquico, se relaciona com um tipo de atividade principal, ou seja, uma atividade dominante, a mudança de uma atividade para outra acontece pela relação da criança com a realidade. (LEONTIEV, 2012). Desse modo, a atividade principal se caracteriza por três aspectos:

1. “Ela é a atividade em cuja forma surgem outros tipos de atividade e dentro da qual eles são diferenciados” (LEONTIEV, 2012, p. 64). Um exemplo é a brincadeira, pois, a partir da brincadeira a criança se apropria de outras formas de comportamentos, valores e saberes.

2. “A atividade principal é aquela na qual processos psíquicos particulares tomam forma ou são reorganizados.” (LEONTIEV, 2012, p. 64). Podemos citar como exemplo a brincadeira, que possibilita a formação dos processos infantis como a imaginação ativa.

3. “A atividade principal é a atividade da qual dependem, de forma íntima, as principais mudanças psicológicas na personalidade infantil, observadas em um certo período de desenvolvimento.”(LEONTIEV, 2012, p. 64) Na brincadeira de papéis (quando a criança brinca de professor, de policial, de ladrão) a criança, se apropria de funções sociais e dos comportamentos das pessoas, essa brincadeira possui uma importante influência na sua personalidade.

Desse modo, a atividade principal é “(...) a atividade cujo desenvolvimento governa as mudanças mais importantes nos processos psíquicos e nos traços psicológicos da personalidade da criança” (LEONTIEV, 2012, p. 65).

Para possibilitar a apropriação da cultura pela criança, é necessário que o professor tenha conhecimento do desenvolvimento da criança, e a partir desse entendimento, organizar o ensino com o objetivo de promover a aprendizagem. Fundamentando-se nos pressupostos teóricos de Leontiev, Moura (1996, p. 82) afirma:

A natureza particular da atividade de ensino, que é a máxima sofisticação humana inventada para possibilitar a inclusão dos novos membros de um agrupamento social em seu coletivo, dará a dimensão da responsabilidade dos que fazem a escola como espaço de aprendizagem e apropriação da cultura humana elaborada, bem como do modo de prover os indivíduos, metodologicamente, de formas de apropriação e criação de ferramentas simbólicas para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades.

É nesse sentido que defendemos a importância dos jogos e brincadeiras como atividade principal da criança, portanto é necessário que o professor compreenda as ações do brincar como meios em que as crianças desenvolvem suas potencialidades, criam, transformam, imaginam e se apropriam da cultura humana.

A partir das ideias discutidas nesse capítulo damos continuidade a essa reflexão atribuindo algumas ações da docência nos anos iniciais, a fim de tornar mais perceptível a importância dos jogos e brincadeiras nos espaços educativos.

3 CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO PARA A APRENDIZAGEM: EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Ao organizarmos as ações do ensino para as crianças no 2º ano do Ensino Fundamental, consideramos como ponto de partida atender às necessidades formativas das crianças, selecionando também indicações delas em sua condição de ser criança, como: o desejo pelo brincar, jogar, participar, pintar, desenhar, cantar, entre outros.

O planejamento das atividades¹ de ensino que priorize as necessidades formativas das crianças requer que os professores estejam atentos aos movimentos e ações desses sujeitos. Dessa forma, cabe ao docente criar situações de ensino para a apropriação do conhecimento produzido historicamente pelo homem, organizar um planejamento de ações para além dos conteúdos programáticos lineares e mecanizados. É importante considerar conteúdos decorrentes de situações contextualizadas, respeitando as diferenças dos estudantes, ou seja, oferecendo nas ações de ensino em que eles possam apropriar-se da cultura.

Desse modo, defendemos a ideia de que a criança ao vir ao mundo, desenvolve-se por meio do processo de mediação com a realidade social e cultural, historicamente produzido pelo homem e suas relações. A apropriação da cultura acontece por meio de atividades de ensino e de aprendizagem. Na escola o professor é o profissional fundamental para a efetiva realização desse processo, pois,

o professor é o organizador da atividade e por isso sabe o que está em jogo no espaço da sala de aula: o conteúdo, as principais dificuldades em aprendê-lo, as respostas que indicam se o conceito está sendo apreendido ou não, e as solicitações necessárias para redirecionar a busca de um nível mais avançado de conhecimento. A atividade de ensino conterá: a)- A síntese histórica do conceito; b)- o problema desencadeador do processo de construção do conceito; c)- A síntese da solução coletiva, mediada pelo educador (MOURA, 1996, p.19).

¹ A *atividade*, tal como concebe Leontiev (1988), é aqui entendida como sendo aquela que colocará o sujeito num movimento de busca de solução de problema em que as ações partilhadas por ele e por outros sujeitos são meio de resolver o problema (MOURA, 1996, p.9).

Portanto, pensar a organização do ensino como atividade, permite identificar as ações principais dos indivíduos envolvidos nesse processo, especialmente professor e estudante. Ainda que a atividade efetiva do professor no processo de escolarização seja a organização do ensino, essa atividade se constitui, sem dúvida, a unidade do trabalho docente. (MOURA, 1996).

Nesse sentido, “[...] o ato de ensinar, está a organização de conhecimentos que deverão propiciar a apreensão de saberes que tornarão os sujeitos mais aptos para viverem socialmente”. (MOURA, 1996, p. 147)

Segundo Moura (1996) ser professor de matemática incita uma qualidade diferente de ser professor de física por exemplo. Desse modo, compreendemos que as características lógicas e históricas “do conhecimento que o professor deverá ensinar vai indicar uma forma de se relacionar com os alunos, de como organizar os espaços de aprendizagem, e de como eleger os instrumentos que poderão propiciar melhor aprendizagem”. (MOURA, 1996, p. 148). No caso do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental, suas ações estão direcionadas a apropriação da leitura e da escrita, da matemática, das ciências, da história e da geografia.

Desse modo, da ideia de que a criança é sujeito da atividade decorre a necessidade de organização de ensino, implicando inicialmente a concepção de criança como sujeito histórico que ocupa um lugar no sistema das relações sociais. Aqui cabe dizer que por viver em um contexto socializado, até as próprias características biológicas da criança tomam um sentido social, sem, no entanto, perder sua matriz biológica, como já mencionado anteriormente. Para Charlot (1979, p. 107), “é preciso conceder-lhe seu sentido no processo dinâmico de ações entre a criança e o adulto que define a infância”.

Ao se compreender o papel social da criança é preciso considerar sua condição de ser humano em crescimento, que necessita da mediação dos elementos da cultura e da ação intencional do adulto. Como professores avaliamos que se faz necessário colocar a criança em movimento de apropriação dos conhecimentos, culturalmente construídos. Assim, é preciso que o sujeito se sinta mobilizado, ou seja, entre em atividade ao realizar determinadas ações, o que o motiva a fazer algo, entendendo que esse agir do sujeito ocorre quando ele percebe e dá sentido ao que está fazendo, ao mesmo tempo, atribui importância para produção da sua vida.

O conceito de mobilização é definido por Charlot (2000), como “o motor” que impulsionará o sujeito a agir, quer dizer motivado a algo, (de dentro) e ao mesmo tempo em que este se motiva por algo (de fora) que foi organizado por alguém, mobiliza-se porque foi motivado, nesse sentido,

a criança mobiliza-se, em uma atividade, quando investe nela, quando faz uso de si mesma como de um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor. A atividade possui, então uma dinâmica interna. Não se deve esquecer, entretanto, que essa dinâmica supõe uma troca comum, onde a criança encontra metas desejáveis, meios de ação e outros recursos que não ela mesma. (CHARLOT, 2000, p.55)

Sendo assim, o indivíduo não é visto simplesmente como aprendiz passivo, mas como sujeito de sua aprendizagem, pois só conseguirá realmente aprender algo se estiver mobilizado, ou seja, se estiver em atividade.

Trata-se de efetivar a mediação cultural que, ao longo de seu desenvolvimento, permite ao sujeito criar coisas novas e ao realizar isto, a partir de suas necessidades desenvolve historicamente conhecimento, relacionando e interagindo com os sujeitos de diferentes maneiras. Para Moura (2007, p. 60),

devemos fazer com que a criança apreenda este conhecimento como parte de seu equipamento cultural para que possa intervir com instrumentos capazes de auxiliá-la na construção de sua vida. Trata-se de instrumentos que não são apenas utilitários, pois permitem que o sujeito se aprimore como artesão que domina cada vez mais a técnica de execução de sua arte. No caso do filho do homem, é a busca da construção da vida.

A partir dessas concepções, nosso objetivo no exercício da docência foi colocar a criança em atividade intencionalmente organizada para a sua aprendizagem e o seu desenvolvimento. No ponto a seguir, detalhamos as ações de ensino realizadas para o jogo de boliche, suas relações com a Matemática e as reflexões feitas após a realização da ação de ensino e as contribuições do mesmo para a aprendizagem da criança.

3.1 BOLICHE: UMA FORMA DE ENSINAR E APRENDER

O jogo de boliche como um instrumento de ensino possibilita à criança a apropriação das formas geométricas, da álgebra e da aritmética. Desse modo, o jogo de boliche foi uma situação de ensino e de aprendizagem em que as crianças puderam:

- ✓ Criar os materiais para a brincadeira do boliche (os pinos e a bola);
- ✓ Apropriarem-se de conceitos matemáticos, da leitura e da escrita, da contagem e do controle da variação de quantidades, da forma geométrica triangular;
- ✓ Controlar a variação de quantidades através do registro gráfico e apropriarem-se de noções de adição;
- ✓ Ampliar o repertório de brincadeiras.

Para a confecção do jogo as crianças foram orientadas a utilizar os seguintes materiais:

- ✓ 30 Garrafas pets;
- ✓ Sobras de papel, EVA e pedaços de tecido, para a decoração das garrafas pets, que teriam a função dos pinos;
- ✓ Lápis de cor, giz de cera e pincel atômico;
- ✓ Tesouras, cola, durex;
- ✓ Papel de celofane;
- ✓ Gliter;
- ✓ Meias, jornais para a confecção da bola

Em sala de aula, inicialmente, foi necessário:

- 1) Apresentar os materiais que seriam confeccionados para o jogo e o tipo de jogo.

- 2) Preparar o material com as crianças, organizar o espaço, com os materiais e limitar a distância para jogar com cordas, fitas ou algo semelhante.
- 3) Distribuir fichas de acordo com o número de estudantes (uma para cada), com o nome de cada um e canetas para a realização do registro de pontos.
- 4) Combinar um tempo para a brincadeira;
- 5) Definir as regras;
- 6) Organizar os materiais no final do jogo.

A turma foi dividida em três grandes grupos, sendo que cada grupo possuía oito integrantes e estes estavam orientados por uma professora/estagiária. Definimos com as crianças as seguintes regras para o jogo:

- ✓ Em cada rodada jogará uma criança de cada equipe;
- ✓ Cada acerto (pino derrubado) deve ser contado, e somado ao total derrubado;
- ✓ O estudante registra o número total na ficha (o estudante que deve sempre contar e marcar);
- ✓ A criança pode registrar seus pontos como conseguir; (numeral, traços em vertical, bolinhas, etc)
- ✓ O jogo será encerrado de acordo como foi combinado com a turma, definimos 40 minutos para a realização da brincadeira, ou seja, o material e espaço já estavam organizados.

Ilustração do jogo de boliche



Fonte: <http://educadoracristinasouza.blogspot.com.br/2010/11/boliche-com-garrafas-pet.html>

Depois do material pronto, nos dirigimos a outro espaço da escola (mais amplo), organizamos os pinos perto de uma parede de uma sala de aula, as pistas foram formadas por mesas que separavam uma das outras. No chão, utilizamos barbantes e fitas para delimitar a distância entre os jogadores e as garrafas. As crianças em cada grupo se organizaram em filas, para que cada uma realizasse a sua jogada, repetindo tal ação assim que todas já tiverem jogado pela primeira vez.

Junto com as crianças, antes de iniciar o jogo de boliche, tiramos dúvidas e estabelecemos mais algumas regras (também criadas pelas crianças) tais como: Serão tantas jogadas, portanto cada grupo joga tantas vezes! Como será feito a notação numérica? E o total/soma dos pontos de todas as jogadas? Qual pontuação foi maior e menor e em qual jogada? Quem começa? Impar, par, vamos jogar lá!

Nesse momento percebemos que algumas crianças já conseguiam registrar a quantidade de pinos derrubados por meio dos numerais, outras crianças se utilizavam de traços em vertical, de bolinhas, as crianças que ainda não registravam as quantidades com os numerais eram orientadas a contar quantos pontos haviam registrado (com traços ou bolinhas) e escrever o numeral correspondente.

Desse modo, possibilitamos às crianças a apropriação de conhecimentos, pois, no jogo de boliche a criança tem uma necessidade ao registrar as quantidades de pontos. Ou seja, o registro passa a ter sentido, pois, representa a quantidade de pontos que ela fez durante a brincadeira do boliche. Por meio das relações sociais estabelecidas, as crianças já fazem uso das quantidades nos espaços cotidianos, porém nesse momento do jogo, organizado intencionalmente, as relações entre o professor e a criança são de ensino, aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, têm como objetivo que a criança se aproprie da matemática.

A matemática, como produto das necessidades humanas, insere-se no conjunto dos elementos culturais que precisam de ser socializados, de modo a permitir a integração dos sujeitos e possibilitar-lhes o desenvolvimento pleno dos indivíduos, que, na posse de instrumentos simbólicos, estarão potencializados e capacitados para permitir o desenvolvimento coletivo. (MOURA, 2007, p. 42)

O valor que pedagogicamente atribuímos a essa brincadeira, refere-se ao fato de as crianças se mobilizaram, dando sentido ao que realizavam, e assim,

alcançando os objetivos de jogar, pontuar e principalmente aprender. As ações das crianças que constatamos no jogo de boliche inicialmente são: a criação de uma situação imaginária relacionada ao resultado de sua jogada; concentração para que a bola atinja os pinos; jogar a bola; contagem dos pontos obtidos quando derrubavam um ou mais pinos do boliche; memorização do total de pontos e registro, por meio da escrita, da quantidade de pontos grafados no seu cartão, equiparação de grandezas. Desse modo, o jogo possibilita à criança o desenvolvimento da memória, da atenção e da apropriação de conhecimentos, dentre outros aspectos da formação humana.

Diante do exposto, é possível afirmar que as brincadeiras oferecidas intencionalmente na escola podem ser consideradas importantes meios de interação e socialização das crianças entre elas e com os adultos, além de serem um elemento mediador da aprendizagem, pois é por meio das brincadeiras e jogos que as crianças se manifestam, se apropriam da cultura, desenvolvem sua imaginação e a criação.

Em outro momento, na sala de aula, cada criança somou o total de seus pontos, em cada jogada, registrados na ficha. Percebemos que cada criança com sua cartela em mãos efetuava a soma de formas diferentes, umas contavam nos dedos, outras com traços, outras mentalmente, depois se dirigiam até o quadro e escreviam abaixo de seu nome o total correspondente à pontuação efetuada.

De forma oral as crianças comunicaram a quantidade de pontos atingidos, a maior pontuação foi 30 pontos. Desse modo organizamos no quadro em ordem crescente com os numerais de um a trinta. Nesse momento foi possível que as crianças compreendessem o movimento de representação dos números do menor para o maior. As mesmas marcaram no quadro o total de pontos registrados durante o jogo e para depois compararmos as pontuações e a relação com os números correspondentes (maior, menor, igual).

Enfatizamos mais uma vez as diferentes formas de representação das quantidades e modos de realização das operações necessárias à adição. A cena descrita abaixo pode ser elucidativa do movimento de aprendizagem realizado por uma das crianças.

- Docente pergunta: *Quantos pontos você fez?*

- Criança responde: *Nove.*
- Docente pergunta: *O total?*
- Criança responde: *Sim, Nove.*
- Docente pergunta: *Tem certeza? E esses outros números acima?*
- Criança responde: *Já somei, deu nove.*
- Docente pergunta: *Como você sabe que é nove?*
- Criança responde: *Porque esse (2), com esse (4) e esse (3) é nove.*
- Docente responde: *Perfeito, parabéns, você realizou o cálculo da adição, somando os pontos que você escreveu. Muito bem!*

Nesse instante percebemos que a criança realizava o cálculo mental, utilizando-se principalmente da memória e que o número 9 colocado abaixo dos outros na cartela representava o resultado da soma de todas as parcelas correspondentes ao registro de cada jogada. Se todas as crianças têm formas diferentes de aprender, cada uma com suas características próprias relacionadas com o contexto social do qual participa, podemos concordar com as seguintes palavras de Moura:

Mesmo antes de entrar para a escola, as crianças estão acostumadas a observar e utilizar os números em seu cotidiano, e muitas vezes sabem “ler” e escrever a seqüência numérica até determinada quantidade. Entretanto, na maioria parte das vezes, os numerais aparecerem na realidade em contextos de indicação para especificar determinados elementos. Por exemplo: placa, dinheiro, entre outros. O numeral indo-arábico é a abstração de todos os conceitos presentes nos outros numerais, pois os signos não fazem nenhuma referencia explicita as quantidades representadas. Estão presentes em sua estrutura de funcionamento: ordenação e seqüência; agrupamento e propriedade aditiva; base e valor posicional; valor operacional do zero. (MOURA, 1996, p. 119).

A apropriação do sistema de numeração decimal solicita que se compreendam as regras que o compõe. Portanto é necessária a atuação docente, que é fundamental no processo de aprendizagem inclusive de um conteúdo matemático operatório. Mas não descarta incluir os jogos e brincadeiras na organização do ensino para uma melhor significação e apropriação desses. Pois, além de aprender os conceitos e operações, se atribui a essas ações a mobilização das crianças, para se alcançar os objetivos efetuados no jogo e ou brincadeira intencionalmente organizadas.

Considerando o relato acima, evidencia-se o quanto a inclusão dos jogos no ensino e na aprendizagem mobiliza a criança a perceber-se como sujeito ativo na apropriação do conhecimento, e ainda reconhecer que suas capacidades podem ser compartilhadas com seus pares, quando necessitam de mediações simbólicas. Sendo assim, ao estabelecer sentido à proposta de ensino, a criança se mobilizou a compartilhar sua aprendizagem com os que precisavam de ajuda na sala.

Por fim, cabe ressaltar a importância da escola em garantir ações de ensino que potencializem a apropriação dos conceitos científicos, levando a criança a perceber o uso social da escrita, fundamental para sua constituição humana. Nessa ótica, é necessário oferecer as condições para que os indivíduos se desenvolvam. Uma dessas condições seria ensinar os conceitos teóricos em várias situações e áreas do conhecimento. Assim faz-se necessária uma organização escolar que propicie ao indivíduo as máximas possibilidades de expressão dos conhecimentos adquiridos.

Considerar que a brincadeira como atividade principal da criança traz consequências para o trabalho pedagógico, principalmente nos anos iniciais, pois as crianças, ao ingressarem na escola, manifestam o desejo de aprender por meio de ações de movimento, indicando a necessidade de um planejamento das ações pedagógicas como um instrumento não apenas de controle, mas da apropriação dos conceitos e conteúdos, em função de atender suas necessidades, bem como atribuir sentido ao que está sendo proposto. Dessa forma, defendemos os direitos da criança de participar, de brincar, de jogar e de aprender na escola.

No ponto a seguir, detalhamos as ações de ensino realizadas a partir da dramatização da história do “Leão e do Ratinho” do livro *Fábulas de Esopo*², compreendendo que esta ação é um dos instrumentos do ensino e da aprendizagem, que possibilitam à criança desenvolver a imaginação e a criação. Em

² Esopo, o mais conhecido dentre os fabulistas, foi sem dúvida um grande sábio que viveu na antiguidade. Sua origem é um mistério cercado de muitas lendas. Mas, pode ter ocorrido por volta do ano 620 A. C. Várias cidades se colocam como seu local de nascimento, e é comum que o tratem como originário de uma cidade chamada Cotia e um na província da antiga Frígia, Grécia.

Acredita-se que já nasceu escravo, e pertenceu a dois senhores. O Segundo viria a torná-lo livre ao reconhecer sua grande e natural sabedoria. Conta-se que mais tarde ele se tornaria embaixador. Em suas fábulas ou parábolas, ricas em ensinamentos, ele retrata o drama existencial do homem, substituindo os personagens humanos por animais, objetos, ou coisas do reino vegetal e mineral. Nas ações de ensino apresentamos as crianças a Fábula O leão e o ratinho, retirado desse site: <http://sitededicadas.ne10.uol.com.br/fabula3a.htm>.

seguida serão apresentadas brevemente reflexões elaboradas após a realização das ações de ensino e suas contribuições para a apropriação da linguagem escrita pela criança.

3.2 A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: UM MOMENTO DE APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA

A narração de histórias é uma das mais importantes atividades humanas e pode ser utilizada pelos sujeitos no processo de apropriação da linguagem escrita. Um dos seus objetivos é permitir que a criança conheça e se aproprie da história e desenvolva a imaginação e a criação.

A imaginação e criação estão na formação do ser humano, principalmente na infância. Quando o professor organiza o ensino, considerando as necessidades formativas das crianças, atua nas bases orientadoras de apropriação da leitura e da escrita, ao mesmo tempo, atribui sentido a função social desses sistemas considerados tão complexos. Portanto, destacamos as propostas desenvolvidas no exercício da docência, a partir das narrações de histórias e das diversas manifestações das crianças e suas múltiplas linguagens.

Para realização dessas propostas de ensino organizamos na sala de aula um espaço diferenciado para a narração de histórias, momentos de leitura das crianças e brincadeiras. Apresentamos às crianças o Biombo³, o mesmo foi denominado pelas crianças de *“Universo das brincadeiras”*. O *“Universo das brincadeiras”* foi montado no fundo da sala de aula, onde as crianças podiam utilizá-la para as ações de aprendizagem intencionalmente organizadas pela professora com as crianças, mesmo nos dias ou momentos que a docência não fosse assumida por nós.

Percebemos que as relações que se estabelecem entre os componentes do processo didático (estudante, professor, conhecimento) no ato educativo são fortemente influenciadas por fatores como a concepção e o papel social da educação. Os conceitos de ensino e de aprendizagem, que orientam a forma de

³ Inicialmente planejamos montar um biombo, para a narração de histórias com fantoches, porém, as ideias foram se expandindo e criamos uma casinha, ou barraca, confeccionada com canos de PVC e forrada com tecidos.

organização do ensino não se encontram somente no planejamento, na mediação pedagógica e na avaliação, mas nas diversas relações que se estabelecem no universo desse âmbito heterogêneo que é o espaço da sala de aula, que não é neutro, nem nulo, e sim, carregado de linguagens, ideias, conceitos, formas, expressões e ações.

Pensar o espaço significa organizar outros modos de ver, de fazer e de ser, por isso, quando pensamos na criação do “*Universo das brincadeiras*” dirigimos as nossas ações pedagógicas para desenvolver e incluir nas atividades de ensino e de aprendizagem outras ações já realizadas pelas crianças. Buscando colocar em prática o que estudamos a partir de Charlot (2000), Miranda (1985), Vigotski (2008) em nossa atuação com as crianças do 2º ano, concebemos a organização do espaço em sala de aula não só em sua dimensão física, mas propusemos que ele se tornasse um lugar que permitisse determinadas ações necessárias para que a criança, ao criar situações imaginárias, pudesse aprender o conteúdo da cultura.

“*Universo das brincadeiras*” e dramatização da história “O ratinho e o leão”



Fonte: Fotografia do acervo particular da professora titular da turma Thais Zimmermann.

A criança é sujeito da atividade de aprendizagem que se efetiva ao estabelecer relações com o que for proporcionado e organizado pedagogicamente pelo professor, sujeito da atividade de ensino, ou com outra criança mais experiente. Por meio dessas relações as crianças aprendem a ser humanos, portanto aprendem tudo o que é produzido pela humanidade, conhecimentos, valores, atitudes, modos de ser e de atuar no mundo. O *“Universo das brincadeiras”*, em seu aspecto simbólico, é também um ambiente que comunica valores e concepções por meio das produções e concepções das crianças, definido por uma estética e visualidade que contribuem decisivamente para a construção cultural do olhar e, portanto da sensibilidade.

Consideramos que a organização do espaço constitui-se por determinados tipos de relações, emoções, atitudes, como outras linguagens, ou seja, o espaço é um elemento constitutivo do pensamento e, portanto, converte-se em ação pedagógica indireta a qual requer cuidado e atenção, dessa forma exige do professor planejamento cuidadoso do espaço e delimitação de tempo nas propostas diárias com as crianças. Neste sentido, a introdução do *“Universo das brincadeiras”*, possibilitou a aprendizagem e a ampliação dos repertórios por meio das brincadeiras, jogos, dramatizações, leitura e escrita.

Na narração da história *“O ratinho e o leão”* utilizamos o espaço o *“Universo das brincadeiras”*. A partir das situações de ensino e aprendizagem as crianças puderam conhecer a história, visualizar seu conteúdo mediante sua dramatização e a sequência lógica dos fatos. Diante disso, as crianças se mobilizaram a dramatizar a história, a partir do que tinham apreendido. Incentivamos as crianças a lerem os trechos da história referentes ao narrador, mesmo que ainda não tivessem se apropriado de maneira plena da leitura.

Nessa perspectiva, coloca-se em destaque, que para a apropriação da leitura e da escrita ainda na infância, às crianças necessitam desenvolver e expressar suas múltiplas linguagens, por meio de jogos e brincadeiras em ações que possibilitem o desenhar, pintar, dançar, cantar, dramatizar. É fundamental o papel da escola na criação de situações que promovam o desenvolvimento humano das crianças e o desejo de contar a história, a partir da narração de histórias, da representação de papéis.

As crianças ao atribuírem sentido à história apresentada, manifestaram o desejo de representar a história e para que essa aprendizagem tivesse a mesma organização quando apresentada por nós para as crianças, elas tinham que se utilizar dos materiais cênicos e dos materiais que compunham os figurinos (árvore, rede para prender o Leão, as vestimentas: macacão laranja, juba de E.V.A, meias, macacão cinza, nariz, focinho, bigodes orelhas de E.V.A), também se caracterizaram de leão, rato, caçador e narrador, com pinturas no rosto representando a imagem dos personagens.

Depois da organização, montagem e distribuição dos papéis, organizado pelas crianças, percebemos que elas, se apropriaram da história, também atribuíram seriedade e respeito a todos os personagens representados. Cada um com suas características, prendendo a atenção do público (restante da turma).

As crianças que assistiam a encenação da história manifestaram igual atenção e importância à apresentação dos seus colegas de sala, pois para elas o que importava era o sentido atribuído à história e aos seus personagens por meio do teatro. Para elas o mais importante era assistirem novamente, pois uma nova apresentação implicava novos elementos na narração, novas formas de apresentar e representar a história. Isso não quer dizer que seja mais ou menos importante a narração quando apresentada pelo professor, ou pelo estudante, o que tem importância é o conteúdo da atividade, a representação e o “faz de conta” na utilização de papéis. Desse modo,

a conclusão pedagógica a que se pode chegar com base na (criação; no faz de conta) consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência – sendo as demais circunstâncias as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p.23)

Nesse sentido, a criança dramatiza e faz de conta, quando faz uso das impressões da vida, ou seja, nas ações as crianças fazem uso da imitação para expressar o que já é de seu conhecimento, ou para superar as impressões da vida.

Por isso, destacamos que as narrações de histórias podem ser realizadas para as crianças por meio do uso de diferentes estratégias, com a brincadeira e as habilidades de leitura e da interpretação que possibilitarão a apropriação de muitos conhecimentos.

Essas proposições permitem afirmar que o jogo de faz-de-conta surge no decorrer do desenvolvimento histórico da sociedade como resultado da mudança do lugar da criança no sistema das relações sociais, sendo, portanto, de origem e natureza sociais. – Seu aparecimento está associado não à ação da energia instintiva inata, interna de nenhuma espécie e sim às condições sociais muito concretas de vida da criança na sociedade. (ELKONIN, 1988, Apud. COUTO, 2007, p. 64).

Ao oferecermos elementos pedagógicos intencionalmente organizados, as crianças puderam perceber a existência da estrutura e o conteúdo da narração de histórias, além de aprender com sentido, pois relacionaram suas necessidades com os seus respectivos objetos, aprender a ler e escrever. Por isso, foi organizado o ensino para considerar as atividades da criança, brincar e, portanto, aprender. Assim unindo as duas abrimos um leque de possibilidades levando a criança a aprender e a se desenvolver como ser humano.

Dessa maneira, cabe ao professor promover situações onde a criança possa interagir, vê algo de forma diferente e se mobilize à realização das ações, operando com sentido capaz de desenvolver suas capacidades de maneira plena, relacionada à possibilidade ativa de apropriação do conhecimento científico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício docente realizado no Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública estadual, se configurou por momentos de observação participante, registros reflexivos dos processos fundamentais de contextos de atuação, ou seja, de planos de atividades de ensino que focaram as relações educativas e sociais das crianças. Esses planos de atividades de ensino foram elaborados de maneira compartilhada com a instituição e as crianças, tornando-se momentos de dedicação, compartilhados e articulados aos anseios e desejos para atender, principalmente, as necessidades formativas dos estudantes/das crianças.

A leitura desses momentos, também nós remete a destacar nesse texto o porquê não é oferecido propostas em que se inclua a brincadeira para as crianças, já respondendo as nossas primeiras concepções em perceber que as crianças não brincam quando ingressam na escola, deixam de ser crianças e assumem apenas a responsabilidade de estudantes. A brincadeira inclusa nas ações de ensino desestrutura a aula? O espaço? O foco de como se deve ensinar?

Essas perguntas foram discutidas no planejamento compartilhado, que a princípio, organizar o ensino incluindo a brincadeira como atividade principal da criança no processo de ensino e aprendizagem tinham essas características nas concepções da escola específica e ainda tornou-se fonte de preocupação de muitos profissionais ao perceberem um ensino organizado de outra maneira, fora dos “padrões existentes”.

Para tornar clara a intencionalidade de se incluir a brincadeira no espaço educativo, buscamos apoio nas contribuições teóricas de Vigotski; Leontiev e de autores contemporâneos que se fundamentam partem desse referencial, como, por exemplo, Charlot; Mello; Moura, enfatizando que é por meio da brincadeira que a criança se relaciona com o mundo, incorpora papéis sociais se apropria do uso de objetos, atribui sentido as suas ações, cria, recria e aprende.

Com as crianças do 2º ano, pudemos proporcionar a partir do projeto “*É possível ler e escrever brincando*” diferentes apropriações da leitura e da escrita a partir das ações de ensino em que o foco era a brincadeira, pois é na brincadeira

que as crianças exercitam o que já se apropriaram da cultura. É por essa e outras razões que buscamos enfatizar a importância do brincar no contexto educacional, oferecendo às crianças possibilidades de manifestação da imaginação e criação a partir da interpretação de papéis ativa a expressar suas múltiplas linguagens.

Para essa percepção do mundo infantil foi preciso participar efetivamente dos momentos de observação, das brincadeiras no recreio, dos momentos de leitura, nas intervenções individuais com as crianças nas propostas da professora de sala. Dessa forma, refletimos, elaboramos e ensaiamos propostas pedagógicas a partir dos eixos: brincadeiras e linguagens.

Assim, nossa atenção se pautou no enriquecimento dos repertórios das crianças e foi desta maneira que planejamos e atuamos com elas. Além de adentrarmos ao mundo infantil, também procuramos decifrá-los e codificá-los, para termos uma melhor compreensão e sistematização da ação educativa, mas acima de tudo, consideramos a criança como ponto de partida para organizar o ensino de maneira que envolvesse principalmente as ações das crianças, sujeitos da atividade.

Além de refletirmos sobre o mundo das crianças, foi preciso também aguçar nossos ouvidos e refinarmos o nosso olhar sobre as diversas manifestações dos pequenos, principalmente no decorrer das nossas propostas de ensino e das consequentes atividades de aprendizagem. Contudo, sabemos que é preciso oportunizar momentos de ampliação das brincadeiras, cantigas, leituras compartilhadas, nos aproximando de maneira cuidadosa e atenta as necessidades e desejos de aprender das crianças.

Percebe-se, portanto, que existem vários caminhos e possibilidades de apresentar a linguagem oral e escrita para a criança ao ensinar, de maneira a proporcionar as mesmas a produção de suas identidades da forma mais rica possível, tornando assim os anos iniciais do Ensino Fundamental um espaço de apropriação da cultura, particularmente de múltiplas linguagens, possibilitando as crianças a viajar no imaginário, criar, recriar, conhecer e se apropriar do conhecimento. Os jogos como o boliche e tantos outros; a Literatura Infantil, dramatização, varal literário, avental literário, caixa surpresa, enfim, são inúmeros os instrumentos culturais que o professor pode considerar ao organizar o ensino e assim envolver a interação e a participação das crianças.

No exercício docente, em especial nos momentos em que percebíamos que as crianças tinham se apropriado dos conhecimentos, como por exemplo: na contagem de pontos no jogo de boliche, nas leituras, nos momentos de escrita, se tornou evidente, para nós, a importância do registro, do planejamento e do replanejamento, pois são essenciais na prática pedagógica, para assim avaliarmos e percebermos a importância de envolver a brincadeira no ensino, com intencionalidade promover a aprendizagem.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

COUTO, Nara Soares. *O faz-de-conta como atividade promotora de desenvolvimento infantil e algumas contribuições acerca de suas implicações para aprender a ler e escrever*. Dissertação, 2007.

CHARLOT, Bernard. *O “filho do homem”: obrigado a aprender para ser* (uma perspectiva Antropológica). In: CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

CHARLOT, B. *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Educação Infantil e formação de professores / Dalânea Cristina Flôr, Zenilde Durli, organizadoras. – Florianópolis. Ed. da UFSC, 2012.

LAFFIN, Maria Hermínia Lage. *Crianças, jovens e adultos: diferentes processos e mediações escolares* / Maria Hermínia Lage Laffin (org.). – Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008. p.128.

LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia, personalidad*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1983.

LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*, São Paulo: Moraes, s/d.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo humano**. São Paulo: Moraes, [197-]. _____. **Actividad, consciência, personalidade**. Ciudad de La Habana: Pueblo y Educación, 1983.

LEONTIEV, A. N. *Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar*. In: VIGOTSKII, L. S.; LÚRIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 5. ed. São Paulo. Ícone, 1988. p.120-142.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L. et al. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.

_____. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.(orgs.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 7. ed. São Paulo : Ícone, 2001. p. 59-83.

MELLO, Suely A. *A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo. Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas*. Suelin Guadalupe de Lima e Stela Miller (orgs.). Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2006.

MELLO, S. A. M. *A obriedade como obstáculo ao desenvolvimento da consciência crítica do educador*. 1996. 115 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Carlos, São Carlos, 1996.

MELLO, Suely A. *Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural*. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007.

MIRANDA, Marília Gouveia de. O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In: LANE, Silva & CODO, Wanderley (orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MOURA, M. O. de. *A construção do signo numérico em situação de ensino*. 1992.151f. Tese (Doutorado em Educação: Ensino de Ciências e Matemática) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MOURA, M. O. (Coord.). Controle da variação de quantidades. Atividades de ensino. Textos para o Ensino de Ciências nº 7. Oficina Pedagógica de Matemática. São Paulo: USP, 1996.

_____. ; MOURA, M, O. Matemática para a educação infantil: conhecer (re) criar – um modo de lidar com as dimensões do mundo. **Escola: Um espaço cultural**, Diadema, v. 1, n. 1, p. 1-25, 1997.

MOURA, M. O. Matemática na infância. In; MIGUEIS, M. R.; AZEVEDO, M. G. (org). *Educação Matemática na infância: abordagens e desafios*. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007. p. 39-64.

MOURA, M. O.; LANNER de MOURA, A. R. *O ensino das operações matemáticas*. OPM/FEUSP, 1992. Mimeo.

MOURA, M. O. O Professor em Formação. In: *Universidade e Aprendizado Escolar de Ciências, Projeto USP/PIB- Formação de Professores de Ciências*, São Paulo: 1993.

MOURA, Manoel Oriosvaldo de et AL. Atividade Orientadora de Ensino: unidade entre ensino e aprendizagem. *Revista Diálogo Educacional* (PUCPR), v. 10, 2010, p. 205- 229. OAI-ID: oai:dialogo.pucpr.br:article/3432
link: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/DIALOGO?dd1=3432&dd99=view>

MOURA, M. O. Matemática na infância. In: MIGUEIS, M. e AZEVEDO, M. G. *Educação Matemática na Infância*. Vila Nova de Gaia/Portugal: Gailivros, 2007. PP.39-63.

PEDAGOGIA, Curso de. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/pedagogia/curso.htm>. Acessado em: 11 de Julho de 2013, as 9:55hr.

POSSIDÔNIO, S.K.; FACCI, M.G.D. (2011). A influência da classe especial na constituição da subjetividade dos alunos: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. In: FACCI, M.G.D; MEIRA, M.E.M.; TULESKI, S.C. (orgs.) A

exclusão dos “incluídos”: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos. Maringá: Eduem, p. 259-294.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 14 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Site de apoio: <http://cursodepedagogiaufsc.blogspot.com.br/p/curriculo.html>:
Acessado em: 13/07/ 2013 às 22hs: 45mins.

SMOLKA, A. L. Apresentação e comentários. In: Vigotski, L.S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009. SMOLKA, Ana Luíza B.; LAPLANE, Adriana Lia F. de. *O trabalho em sala de aula: Teorias para quê?* Cadernos ESSE, Niterói, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L.S., LURIA, A. R. e LEONTIEV, A. N. *Linguagem Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1988.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e seu papel psíquico no desenvolvimento da criança**. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*. Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ). P.23-36, junho de 2008. (Tradução: Zóia Prestes).